

# Breve síntese histórica do Município de Gaia

## 1 – Localização e características geográficas

O Município de Vila Nova de Gaia fica situado na frente atlântica do vale terminal do Rio Douro, na sua margem sul, tendo do outro lado do rio os municípios do Porto e de Gondomar. O seu território ocupa as plataformas litorais, separadas dos vales interiores dos rios Febros e Uíma que correm para norte a desaguar no Douro, pelas pequenas elevações da Serra de Negrelas e do Monte Murado. Desde longas eras que não sofre alterações físicas significativas, para além das variações do nível do mar e do rio.

Este município, que já existia no século XIII, praticamente não sofreu alterações significativas na sua área, ocupando desde então o mesmo espaço físico. Sendo o maior da área do Grande Porto (NUT III) organizou-se desde aquela época nas freguesias de Arcozelo, Avintes, Canelas, Canidelo, Grijó, Guetim, Gulpilhares, Madalena, Mafamude, Olival, Oliveira do Douro, Perosinho, Santa Marinha, São Félix da Marinha, Seixezelo, Serzedo, Valadares, Vilar de Andorinho e Vilar do Paraíso, a que se juntaram após a reorganização administrativa do século XIX, os antigos coutos de Crestuma e Sandim, até aí dependentes da comarca da Feira. Em 1928 a freguesia gaiense de Guetim passou para o município de Espinho e a de Lever foi incorporada no município de Vila Nova de Gaia na mesma data. Em 1952 a povoação da Afurada e área adjacente foi constituída como freguesia por separação da de Santa Marinha. Constituído desde então por vinte e quatro freguesias, algumas delas foram recentemente agrupadas pela reforma administrativa de 2013, originando quinze subdivisões autárquicas.

## 2 – Ocupação humana

Os vestígios da ocupação humana do seu território até agora conhecidos remontam a 100.000 anos (Paleolítico Médio europeu), a que se seguem os monumentos funerários neolíticos designados por mamoa, ainda pouco estudados, que remontarão ao Calcolítico (cerca de 3.000 a. C.). O Bronze Final (cerca de 750 a. C.) está representado na necrópole de Gulpilhares I e pelo achado de machados de talão. A Idade do Ferro está evidenciada nos povoados castrejos distribuídos pelas

elevações estratégicas, sendo o maior o Castro do Monte Murado em Pedroso, onde foram encontradas duas placas de bronze (Tesseraehospitales) datadas dos anos 7 e 9 com um texto em latim gravado que refere um pacto de hospitalidade entre os Túrdulos Velhos, a etnia local vinda do Mediterrâneo no século V. a. C., e os Romanos que se vinham a implantar no território, aqui chegados por mar à Barra do Douro e por terra à medida que foi sendo construída a estrada que ligava Olisipo a Bracara, ainda hoje o principal eixo viário do país.

São por isso numerosos os vestígios romanos que a Arqueologia vai pondo a descoberto no território, nomeadamente nos castelos de Gaia e de Crestuma, dois povoados castrejos fortificados para controlo do Rio Douro e das mercadorias que um intenso comércio de longo curso aqui trazia e daqui levava para o mundo mediterrânico. Com a fragmentação do Império Romano e o protagonismo de suevos e visigodos na Península Ibérica emergem na região as duas principais povoações da região situadas nas margens do Douro junto da sua foz, o *Portucale Castrumantiquum* (Gaia) e o *Portucale Castrumnuovum* (futura cidade do Porto), as quais acabarão por dar o nome ao condado e ao país nascente, que se afirmará contra os asturo-galaicos a norte, os leoneses, e mais tarde castelhanos, a nascente e os mouros a sul. A Barra do Douro é também a porta de entrada do Cristianismo que se irá implementar na região, sobretudo a partir da chegada de S. Martinho de Dume em 550, reforçando o protagonismo da sé metropolitana de Braga neste processo. Existem vestígios paleocristãos desta época no Castelo de Gaia e no Castelo de Crestuma. Após a reconquista definitiva de Coimbra em 1064, de quem dependia a paróquia de Portucale do sul, o Rio Douro deixa de ser fronteira entre mouros e cristãos, ficando dos primeiros alguns vestígios na toponímia e na mitologia, sendo muito mais imperceptíveis os vestígios dos vikings e dos normandos, que nos deixaram, entre outros, os barcos rabelos, e originaram o contacto com a Europa do norte, como complemento às ligações ancestrais com o Mediterrâneo.

Durante o período da dependência da monarquia asturo-leonesa, o território gaiense foi dividido em senhorios laicos de fronteira, com famílias ligadas à principalidade condal e real, e senhorios eclesiásticos através da fundação de mosteiros, como os de Grijó e de Pedroso, que permaneceriam durante séculos a marcar a vida económica da região, enquanto os restantes deram origem algumas das freguesias já referidas.

### 3 – O município medieval de Gaia

O julgado de Gaia, circunscrição territorial de carácter administrativo e judicial, de controlo régio, e o município, território coincidente, mas de governação laica local, existem pelo menos desde o século XIII, tendo a povoação sede, no castelo de Gaia, recebido foral de D. Afonso III em 1255, a que se segue o foral de Vila Nova, a povoação baixa na travessia do rio até aí denominada Burgo Velho do Porto, recebido foral de D. Dinis e D. Isabel, em 1288. Este último rei aí cria uma feira em 1302. Anos depois, em 1345, D. Maria Mendes Petite, aqui funda o Mosteiro de Corpus Christi. Era viúva de Estevão Coelho, o último trovador da corte dionisina, por sua vez membro de uma família de trovadores que darão corpo a algumas lendas que perdurarão no imaginário popular e mesmo na historiografia até à atualidade, tais como a Lenda de Gaia ou a ida de Egas Moniz à corte de Leão com a corda ao pescoço.

Gaia tornou-se assim uma referência na cultura medieval portuguesa, tendo o abade da sua igreja de Santa Marinha abdicado de certos rendimentos em favor da instalação dos Estudos Gerais a primeira universidade portuguesa fundada por D. Dinis.

Ainda na senda deste espírito trovadoresco medieval, em 1363 D. Pedro I funda o efémero concelho de Canidelo, extinto por D. Fernando em 1375, em homenagem à sua amada D. Inês, que aqui teve D. Beatriz, o quarto e último filho de ambos.

### 4 – Vila Nova de Gaia no Termo do Porto

Durante a crise de 1383-1385 e tempos seguintes a região é reorganizada administrativamente, sendo os concelhos medievais de Gaia e Vila Nova, e respetivo julgado, bem assim como todos os restantes, integrados no Termo da cidade do Porto, nova circunscrição abrangente que tinha sede nesta última cidade, que assim passou a governar a região em proveito próprio, pois aí se localizavam as principais estruturas administrativas, judiciais, eclesiásticas e militares. Os concelhos de Gaia e de Vila Nova continuaram a existir integrados nesta nova estrutura, mas desde então só elegiam os executores locais da administração, como os ouvidores, os meirinhos e os almotacés.

É esta a realidade que encontramos no Foral dado a Villa Nova e terra de Gaya, por D. Manuel a 20 de janeiro de 1518, quando o território concelhio, a nível senhorial, era governado pela família dos Cernaches, senhores de Gaia desde 1415 (depois Condes

de Campo Bello), dos Sás (descendentes dos alcaides do Castelo de Gaia e depois Marqueses de Abrantes), e de algumas outras com evidência na história nacional, continuando outras partes do território gaiense dominadas pelo senhorio régio, dependente do rei, e pelos eclesiásticos, como a diocese do Porto, o colégio das Artes de Coimbra da Companhia de Jesus, e o Mosteiro de Grijó, que no século XVI dá origem ao Mosteiro da Serra do Pilar.

Terra de mareantes, de marinheiros e de mercadores, esteve desde sempre ligada à Expansão Marítima europeia para as rotas do Atlântico e as ligações ao Brasil e à América do Norte, através de vários navegantes e povoadores, que a História tem, as mais das vezes, genericamente identificada como “do Porto”. Para além da família dos Coelhos, dos Cernaches e dos Sás já referidos, que deram várias gerações de homens ligados à construção do império colonial português, a revisão historiográfica recente tem salientado com grandes probabilidades de aqui ter nascido o circum-navegador Fernão de Magalhães da Mesquita (assim assina os documentos espanhóis), com fortes ligações biográficas a Vila Nova de Gaia e o piloto Nuno da Silva, usado como prisioneiro por Drake na sua posterior viagem de circum-navegação.

Grande entreposto comercial, aqui se instalaram a maior parte dos armazéns das empresas exportadoras e, a partir de 1777, todas as de exportação de vinhos, logo após a queda do Marquês de Pombal e as tentativas de reforma da Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro, que tinha armazéns em Vila Nova e uma fundição em Crestuma.

## 5 – Tempos novos

Vila Nova de Gaia viria depois a sofrer os efeitos das Invasões Francesas, sobretudo da segunda, quer em bens quer em gentes, tendo fornecido diversos combatentes contra os exércitos napoleónicos, como o 1.º Visconde de Beire, militar de carreira nascido na Quinta da Costa em Canelas, depois Solar Condes de Resende. Expulsos os franceses, ficam os ingleses a dominar o país e o comércio e as ligações com a corte distante no Brasil, razão essencial para a organização nos armazéns gaienses da Revolução Constitucional de 1820, que eclode na vizinha cidade do Porto, centro do poder na região.

Em 1832 voltaria a ser a Serra do Pilar o local chave para a defesa da cidade do Porto cercada pelas tropas miguelistas e onde se encontraram os voluntários liberais de Gaia na defesa de D. Pedro e dos valores da liberdade, o que voltaria a acontecer

durante a guerra civil da Patuleia em 1846. Tal está na origem da transformação do mosteiro quinhentista da Serra do Pilar em quartel militar até aos dias de hoje

## 6 – Desenvolvimento oitocentista

Serenado o país e colocado na senda do progresso mundial segundo o entendimento europeu oitocentista, com a extinção do Termo do Porto pelas cortes de 1821, Vila Nova de Gaia readquire a sua plena autonomia municipal em 1834, passando desde então a gerir diretamente o seu desenvolvimento. Neste grande entreposto comercial instalam-se grandes indústrias de cerâmica, tanoaria, têxteis, serralharia e construção de veículos, continuando as tradicionais atividades de construção naval e moagem, aumentando a exportação de vinhos, azeite, cortiça, gado e produtos hortícolas para o Brasil e os países do Norte da Europa.

Nesse mundo de burgueses e operários aparecem os clubes – a Loja Maçónica União Portucalense em 1842; a Assembleia da Granja em 1869; o Clube Musical de Vila Nova de Gaia em 1877, e também as secções locais de partidos políticos, sindicatos, cooperativas, associações de socorros mútuos, recreativas e de assistência, e finalmente, os clubes desportivos.

Ao século dezanove gaíense vão ficar ligados escritores como Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós; pintores e escultores como Francisco Pinto da Costa, Soares dos Reis e Teixeira Lopes; pedagogos como o Abade de Arcozelo e Diogo Cassels; músicos como Arthur Napoleão; cientistas como Adriano de Paiva, o inventor da televisão; pioneiros da fotografia como William Flower e Josephe James Forrester, aerostateiros como António da Costa Bernardes, e muitos outros nomes.

Não é possível falar da segunda metade do século XIX em Portugal sem falar da praia da Granja e de todos os que por lá passaram, pois só assim se compreenderão os tempos do final da Monarquia e os da implantação da República e a sua conexão com o desenvolvimento local do ensino e da fundação de escolas de todos os graus de ensino, bem assim como a fundação de estabelecimentos particulares de curiosidades, como o Museu Azuaga e o numismático de Martins Ferro que viriam a originar, já no século XX, o Museu Municipal Azuaga, a Biblioteca Pública Municipal, a Casa Museu Teixeira Lopes e as Galerias Diogo de Macedo, a que se viriam juntar, em anos mais recentes, o Solar Condes de Resende, os Auditórios Municipais e o Arquivo Municipal, para além da existência de núcleos museológicos de algumas empresas de Vinho do Porto e outras.

O século dezanove é também o século da mudança do paradigma dos transportes, com a melhoria do traçado da antiga estrada real entre Coimbra e Vila Nova de Gaia para a Mala Posta no início da segunda metade do século e a chegada do comboio às Devesas em 1864, a inauguração da Ponte ferroviária D. Maria Pia em 1877 e da Ponte Luiz I em 1886, bem assim como a contínua renovação das vias rodoviárias regionais e municipais que possibilitaram o aumento da chegada de matérias-primas e de produtos para exportação a partir de outras localidades e o escoamento dos produtos aqui fabricados, mas também uma maior movimentação das populações aos seus locais de trabalho, de residência e de lazer e, já no século vinte, às praias do litoral.

Entretanto o Rio Douro, não obstante a construção do Porto Artificial de Leixões no final do século XIX, continuou vivo e pujante até depois da Segunda Grande Guerra e hoje volta a ser sulcado pelos grandes e pequenos barcos de turismo.

## 7 – De hoje para o futuro

No século XX Vila Nova de Gaia alterou-se profundamente na sua área urbana, com o rasgar da Avenida da República, que mudou o centro nevrálgico do município para a cota alta, onde foi construído o novo edifício da Câmara Municipal, desenhado em 1916 pela grande arquiteto gaiense Oliveira Ferreira, o rasgar de novas vias e a construção de diversos equipamentos coletivos

Continuando hoje o município a ser conhecido pelas suas empresas de vinhos do Porto e do Douro, indústria automóvel, vidreira e de componentes eletrónicos, pelos seus artistas músicos, pintores, escultores e arquitetos e pelas atividades turísticas que acolhem por ano milhares de visitantes, sendo um dos maiores municípios da região e do país, tem pela sua frente um enorme potencial de desenvolvimento em convergência com os restantes municípios da Frente Atlântica do Rio Douro.

*Texto elaborado no Solar Condes de Resende, serviço municipal para a investigação, estudo e divulgação da História de Gaia e da sua região.*